

**ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS NA ESCRITA DO CORDEL: A
CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MULHER EM LEANDRO GOMES
DE BARROS E JOSÉ CAMELO DE MELO REZENDE**

**SOCIO-HISTORICAL ASPECTS IN CORDEL WRITING: THE
SOCIAL CONSTRUCTION OF WOMEN IN LEANDRO GOMES
DE BARROS AND JOSÉ CAMELO DE MELO REZENDE**

Francisco Paiva das Neves¹

ORCID: <https://ORCID: 0000-0001-5406-7102>

Luis Távora Ribeiro Furtado²

ORCID: <https://ORCID: 0000-0002-1063-4811>

Stélio Torquato Lima³

ORCID: <https://ORCID: 0000-0001-8357-3098>

Enviado em: 15/02/2026

Aceito em: 17/03/2026

Publicado em: 22/07/2026

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões acerca da representação social da mulher, enquanto personagens, em narrativas da literatura popular de cordel. Nessa perspectiva, são desenvolvidas aqui discussões teóricas em torno dos aspectos sócio-históricos na escrita da construção do cordel brasileiro, analisando a construção social da mulher em folhetos de cordel de Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo Rezende. A pesquisa é qualitativa e tem como objetivo identificar a relação do contexto social brasileiro com as características das personagens femininas retratadas nos folhetos. Para embasar as análises de obras dos poetas acima citados, comparando-as com as transformações sociais ocorridas no Brasil e no mundo no período, o que veio a impactar e possibilitar possíveis impulsos rumo aos primeiros passos da emancipação feminina, recorre-se a reflexões de autores do campo da História e da

¹ Universidade Federal do Ceará. Mestre (Doutorando). E-mail: paivaneves21@gmail.com; link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/6183993635102468>; ORCID: 0000-0001-5406-7102.

² Universidade Federal do Ceará. Doutor. E-mail: luistavora@uol.com.br; link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/6368042791230986>; ORCID: 0000-0002-1063-4811.

³ Universidade Federal do Ceará. Doutor. E-mail: profstelio@yahoo.com.br; link do lattes: <https://lattes.cnpq.br/1661081147524477>; ORCID: 0000-0001-8357-3098.

Sociologia, como Hobsbawn (2015) e Bourdieu (2019), e também de pesquisadores do cordel brasileiro, incluindo Sousa (2009) e Menezes (2012).

Palavras-chave: Cordel; Emancipação feminina; Nova mulher; Literatura popular.

Abstract: This paper presents reflections on the social representation of women as characters in Brazilian cordel. From this perspective, theoretical discussions are developed here around the socio-historical aspects in the writing of the construction of Brazilian cordel, analyzing the social construction of women in cordel pamphlets by Leandro Gomes de Barros and José Camelo de Melo Rezende. The research is qualitative and aims to identify the relationship between the Brazilian social context and the characteristics of the female characters portrayed in the pamphlets. To support the analyses of the works of the aforementioned poets, comparing them with the social transformations that occurred in Brazil and the world during the period, which came to impact and enable possible impulses towards the first steps of female emancipation, we resort to reflections by authors from the fields of History and Sociology, such as Hobsbawn (2015) and Bourdieu (2019), and also by researchers of Brazilian cordel, including Sousa (2009) and Menezes (2012).

Keywords: Cordel; Female emancipation; New woman; Popular literature.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar e refletir sobre os condicionantes sócio-históricos que influenciaram a escrita da *Narrativa Popular em Versos*⁴, relacionando as tramas de suas histórias com o contexto sócio-político, cultural e econômico do Brasil, há época em que foram escritos. Destacar-se-ão aspectos sóciohistóricos do Brasil, e como o entorno veio a influenciar aos poetas em suas construções ficcionais. Nessa perspectiva é que será analisado a construção social da mulher, procurando identificar como a mulher veio a ser retratada, enquanto personagem ficcional no imaginário poético, impresso nos folhetos de poesia popular. Este trabalho resulta de pesquisa qualitativa, através da qual analisamos o lugar social

⁴ Grande parte dos poetas populares costumam inserir nas capas de seus folhetos o termo *Literatura de Cordel*. No entanto, a *Luzeiro*, importante editora de folhetos, com sede em São Paulo, usa em suas capas, unicamente o termo *Cordel*. Alguns autores, a exemplo de Aderaldo (2012), para diferenciar da literatura popular, em folhetos ou folhas soltas, impressa em Portugal, Espanha e outros países, preferem o termo *Cordel Brasileiro*. Já Menezes (2012), em sua obra *O enigma do Jano Caboclo* explica que, em sua visão é mais correto o uso do termo *Narrativa Popular em Versos*. Como o presente artigo não tem como foco o debate em torno da nomenclatura, usaremos, a depender do contexto, os termos *Literatura de Cordel*, *Cordel*, *Cordel Brasileiro* ou ainda *Narrativa popular em Versos*.

da mulher e como esta foi retratada em histórias rimadas em folhetos de cordel de Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e José Camelo de Melo Rezende (1880-1964).

Importa destacar ainda que a *análise do discurso* se configura aqui como o instrumental teórico que nos permite identificar marcadores ideológicos, contidos nas narrativas poéticas, em relação às mulheres. Tais marcadores, que rebaixam o papel da mulher, diminuindo sua cidadania e a colocando em papel de submissão ao homem é uma das características de sociedades agrárias patriarcais, como foi a sociedade brasileira, em especial a nordestina, do período colonial até o transcorrer de quase todo o século XX.

Analisar o discurso, é extrair “os não-ditos no interior do que é dito” (Pêcheux, 2008, p. 44). Assim, a partir da compreensão que analisar o discurso é que nos permite entender a forma de pensar de uma época, procuraremos identificar o pensamento hegemônico, em relação às mulheres, do período da escrita de folhetos aqui analisados. A *mentalidade histórica de uma época*, é uma das possibilidades de estudo que nos permite identificar a forma hegemônica comportamental de uma comunidade humana, em determinado tempo histórico (Cf. Le Goff, 2003), assim analisaremos cordéis escritos no período entre 1900 e 1950. Sabe-se que o pensamento social hegemônico se consolida e estrutura os costumes e a arte, portanto a pesquisa em folhetos de cordel nos permite pesquisar a história e o comportamento humano do período narrado aqui proposto. Com essa compreensão, nos debruçaremos em entender os costumes e as práticas sociais do Nordeste brasileiro, contido nas falas e nas relações Inter personagens das tramas narradas em cordéis de Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo Rezende.

Para analisarmos a construção dos enredos, a partir de características sócios culturais marcantes e presentes nos ambientes sociais, falas e posições sociais de personagens, e como se relacionam entre si, nos apoiaremos em autores do campo da História e da Sociologia, tais como Eric Hobsbawn (2015), Bourdieu (2019), Le Goff (2003), entre outros.

É importante salientar que o historiador Eric Hobsbawm, em sua obra *A era dos impérios* (2015), analisa as transformações econômicas que ocorrem em sociedades agrárias patriarcais, em transição para as sociedades industrializadas. Na obra citada são analisadas as características centrais de sociedades pré-industriais, como era o caso de sociedades agrárias patriarcais, como a sociedade brasileira, bem como também de sociedades industrializadas, como Estados Unidos da América, Alemanha, França, Inglaterra, Holanda, entre outros, no período entre 1875 e 1914, que o autor define como época dos impérios.

Já Pierre Bourdieu (2019), outro autor que embasa este estudo, analisa, em sua obra *A dominação masculina*, as origens da opressão de gênero sobre a mulher, como tendo origens, entre outros fatores, na divisão social do trabalho nas sociedades agrárias patriarcais, como a que predominou no Nordeste brasileiro em seu período pré-industrial.

Cabe ainda mencionar Jacques Le Goff, o qual, ao estudar a ciência histórica e seus métodos na obra *História e Memória* (2003), fundamenta a *Mentalidade histórica* como instrumento de análise dos processos históricos ao afirmar que a História “não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica, ou melhor, a mentalidade histórica de uma época.” (Le Goff, 2003, p. 48)

Além de autores dos campos de estudos acima citados, é importante destacar as contribuições teóricas de pesquisadores e pesquisadoras que estudaram o cordel e o Nordeste brasileiro em seus vários aspectos, como Sousa (2009) e Menezes (2012).

1. As Bases Sócio-Históricas da Narrativa Popular em Verso

Inicialmente denominado de folheto, romance, ou simplesmente verso, foi, durante décadas, o único portador de textos presente à casa da população de baixa renda, habitantes do campo e das periferias das cidades. O folheto de cordel era

vendido em feiras, mercados, estações de trens, portos ou diretamente na casa de revendedores, editores ou mesmo dos próprios poetas.

Seu temário sempre foi vasto e abrangente, indo de histórias de amor, com traições ou amores impossíveis; histórias de valentia, de magia ou mistérios; contos de fadas, contos tradicionais, fábulas e histórias de cavalaria; outro filão que atraía leitores eram as histórias de princesas e reinos encantados, geralmente envolvendo dragões, feiticeiros e bruxas; sem esquecer folhetos narrando notícias envolvendo crimes, política, inundações, etc. os folhetos narrando milagres, vida de santos e de cangaceiros eram também muito apreciados pelos leitores/ouvintes.

Importa destacar que Recife, uma das cidades onde surgiu o cordel nordestino impresso em folhetos, era ainda uma sociedade fincada nas tradições agrárias patriarcais, devido à indústria açucareira. Isso ocorria mesmo sendo a cidade mais evoluída do Nordeste brasileiro, contando inúmeras fábricas, um comércio pungente, extensa rede ferroviária, um porto onde escoava suas mercadorias para o Brasil, etc.

Entretanto, a opulência da zona canavieira não pode ser generalizada para o restante da região. Os sertões de Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e demais estados onde teve como base econômica a criação de gado e a cultura do algodão eram solos sofridos e áridos, com uma população camponesa paupérrima.

Semelhantemente, nesta região de semiárido, as narrativas dos folhetos animavam as noites nordestinas. “Comprados em feiras-livres iam formar o único tipo de biblioteca existente nas casas dos camponeses da região.” (Castro, 1963, p. 157).

Em suma, o cordel veio a se firmar, enquanto gênero literário no Nordeste brasileiro, proporcionando o hábito de leitura às populações que, pela posição social e econômica, não tinham acesso pleno à escola formal.

Outrossim, mesmo contendo um viés depreciador do papel da mulher e outros setores não hegemônicos, foi o folheto de cordel um transmissor importantíssimo de conhecimentos e, em muitos casos, um alfabetizador. No entanto, em outras regiões do Brasil, outras literaturas, também de cunho popular, vieram a ser consumidas massivamente pelo povo.

Destarte, o cordel, assim como a literatura de folhetim e também como a literatura cânone, expressa em suas narrativas uma mulher subjugada, dominada e submissa ao homem, sendo desprovida de cidadania. Essa mulher retratada nos enredos da Narrativa Popular em Versos é produto de uma cultura secular herdada do período colonial, onde uma diminuta classe dominante formada por ricos homens brancos, proprietários de grandes extensões de terra exercia controle com mão de ferro na política, nos negócios, na formação, na religião, na família e na literatura. Essa “aristocracia rural e semifeudal importou e tratou de acomodar, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo.” (Holanda, 1995, p. 160). Toda a moral e comportamento ético aceitável na sociedade agrária patriarcal era reproduzido na cultura. Assim, a estrutura familiar colonial ultrapassou séculos e eram reproduzidos pela literatura, em especial a popular.

Essa dominação tradicional, que envolvia a família, a propriedade e o poder de mando masculino era estruturado em um arcabouço moral reproduzido pela cultura. É essa reprodução sutil, via costumes, escola, família, religião e pela arte, onde muitas vezes as próprias mulheres reproduziam é o que Pierre Bourdieu conceitua como violência simbólica. Segundo esse autor

A dominação masculina encontra assim reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseada em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos sendo, que universalmente partilhados, impõe-se a cada agente como transcendentais. (Bourdieu, 2019, p. 61)

Inegavelmente a literatura popular, especialmente a escrita até finais do século XX, reproduziu esse estereótipo, onde a mulher ver-se em papel de inferioridade social. Tal inferioridade é estabelecida não somente com personagens femininas em situação

de vulnerabilidade, como é o caso da personagem Rosa, do romance *Coco Verde e Melancia*, mas também quando a mulher assume posições sociais de subalternidade. Os autores Hobsbawm (2015) e Bourdieu (2019) explicitam que a opressão da mulher tem uma de suas origens da divisão social do trabalho, ficando a mulheres com o trabalho de casa e os homens com o trabalho público.

Dessa forma, este estudo propõe-se a investigar essa mulher retratada na Narrativa Popular em Versos, identificando os fatores do contexto social que vieram a influenciar os poetas populares na escrita de seus poemas.

2. A Estética do Cordel e a Contextualização da Realidade Social

O poeta popular, ao narrar em versos de frases curtas e diretas, sem o uso de palavras rebuscadas, como é prática do cordel, como fez Leandro Gomes de Barros em *Os martírios de Genoveva* (Cf. Barros, 2008), transmite ao seu leitor, uma carga de mensagens simbólicas, representantes de uma época histórica.

Leandro Gomes de Barros, mesmo não tendo sido o primeiro a publicar cordéis no Brasil, foi considerado o “pai do cordel brasileiro”, “o verdadeiro fundador da literatura popular em versos no Nordeste Brasileiro” (Viana, 2015, p. 72). Sua obra, estimada por alguns em mais de seiscentos folhetos, tem uma parte significativa constituída de contos, fábulas e histórias tradicionais, além de também ser formada por romances livrescos.

Para além do entretenimento, Leandro trouxe em suas obras reflexões instigantes sobre aspectos da nossa sociedade, incluindo-se aí, logicamente, a discussão sobre o papel social da mulher. É o que se observa, por exemplo, em o *Casamento e divórcio da lagartixa* (Ver Barros, 2016), cordel no qual o autor dá o protagonismo da narrativa ao personagem feminino e inclui situações presentes em seu entorno. Na obra,

O calango, querendo conhecer melhor a pretendente, pergunta sobre a conduta da moça. Uma dessas perguntas é sobre como a mãe e o pai da futura noiva reagem com os passeios da lagartixa e também onde mora e se o pai e a mãe não sentem ciúmes quando esta sai a passear. Como resposta, a lagartixa responde que o pai faz cara feia e fica zangado. Essa resposta mostra a contradição entre o sistema social velho, com seus costumes conservadores e patriarcais e o novo comportamento cultural, reflexo do desenvolvimento da sociedade moderna de produção. (Neves, 2022, p. 103)

Semelhantemente ao bardo de Pombal, também José Camelo de Melo Rezende discute em suas obras a questão do papel social da mulher. Exemplo é seu cordel *Pedrinho e Julinha*, no qual a personagem feminina aparece somente no início e final da história, sendo o personagem masculino o protagonista do enredo. Toda a estrutura narrativa, centrada no homem, confirma que “os aspectos linguísticos e narratológicos da poesia também remetem a experiências estruturadas no jogo simbólico da cultura.” (Sousa, 2009, p. 28), comprovando assim que o cordel, como os demais gêneros literários, reproduz a sociabilidade presente no contexto histórico em que a obra foi produzida, dando protagonismo aos homens.

Para exemplificar como o contexto histórico influencia a escrita da narrativa popular em versos, vejamos o recorte geográfico e temporal descrito no poema acima citado, e como a narrativa é sempre centralizada no masculino. Segundo informa o autor, a narrativa “é um fato verdadeiro/que provarei ter se dado/do anos quarenta e nove/do século próximo passado.” (Rezende, 1974, p. 1). Rezende nasceu em 20 de abril de 1885 e faleceu no dia 28 de outubro de 1964, logo o século próximo passado a que faz referência é o século XIX e o ano é 1849. A história que Pedrinho, protagonista do enredo, vivência é ambientada em três estados brasileiros. Seu início é no Rio de Janeiro, tem seu desenvolvimento na Bahia e o desfecho no estado do Piauí. Para ambientar os personagens geográfica e temporalmente, o autor esclarece que

Tinha Pedrinho dez anos
Seu pai rico e fazendeiro
Quis levar sua família
Como honrado brasileiro

A festa no fim da guerra
Feita no Ri de Janeiro.

Pedrinho passou no Rio
Um ano de satisfação
Conhecendo aquela cidade
A mais bela da nação
Indo ouvir missas aos domingos
Na igreja de São João. (Rezende, 1974, p. 2)

Surpreendentemente, Rezende narra a história, cujo enredo a personagem feminina tem quase um papel de figuração, já que de fato não tem inserção no conflito central da narrativa. Contraditoriamente, com Pedrinho o autor tem um tratamento diferente, justificando seu itinerário. Além de seu percurso pelos três estados já citados, discorre sobre seus sentimentos, seu conflito com o pai, sua paixão pelo amor ausente, sua determinação, valentia e superação. Ao final, seu reencontro inesperado com Julinha, termina sendo um prêmio pelas suas conquistas.

Como nessas e em outras tantas obras da literatura de cordel, encontraremos também personagens femininas galgando a condição de emancipação. Esses personagens são também a representação de uma mulher concreta das sociedades em processo de transformação social, como é o caso da sociedade brasileira, já a parti da virada do século XIX para o século XX.

3. O Retrato Social da Mulher em Cordéis de Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo Rezende.

O poeta popular destoa da imagem errática de um vate em estado de lirismo eterno, ilhado em um mundo de sonhos, ausente de seu mundo e amparado por deusas e deuses do parnaso. Contrariando o senso comum, o poeta é um autêntico observador de seu tempo, fazendo-se assim um escriba dos fatos sentidos e observáveis. Como um aedo, ele canta as ações heroicas, inserindo no entrelaçado de suas narrativas as dores, as alegrias e os sonhos possíveis do contexto de sua comunidade. Assim, como um artesão da língua, com os recursos metafóricos que a poesia popular lhe permite, o

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

bardo elabora um emaranhado de sentidos onde relata os dramas cotidianos. Dessa forma, o vate das rimas populares, ao elaborar, por exemplo, uma narrativa no mundo das fadas, ou em contextos medievais, de fato, ele está escrevendo situações reais e concretas de seu entorno.

Dessa forma, compreende-se que poetas como Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo Rezende ao escreverem romances rimados em que o tempo narrado se refere a um cenário medieval, com valores sociais rígidos e códigos de honra severos, estão, de fato, escrevendo a crônica em que personagens expressão, com ações e sentimentos, o tempo presente da escrita poética. Esses bardos, mesmo fabulando acerca de condessas encarceradas, como Creusa, a personagem de o *Romance do Pavão Misterioso*, ou mulheres pré-emancipadas, como Marina de *A força do amor*, representam, com atitudes e comportamentos, mulheres reais que estavam no tempo vivido de cada autor.

Sobre esse ponto de vista, é pertinente uma reflexão que envolve o conteúdo narrado em o *Pavão Misterioso*⁵ e o contexto sócio-histórico do Nordeste, em especial do Brejo Paraibano, região em que viveu o autor do enredo.

O *Pavão misterioso* narra a história de um rapaz (Evangelista) que recebe de seu irmão (João Batista) um retrato de uma moça (Creusa), como lembrança de sua viagem à Grécia. Os irmãos são dois ricos capitalista, que moram na Turquia, onde herdaram uma fábrica de tecidos do pai recém falecido. Evangelista, ao olhar a imagem, fica como que hipnotizado com a beleza da donzela e resolve ir visitá-la.

Creusa é filha de um conde e vive encarcerada na torre de um sobrado, aparecendo publicamente à janela, uma única vez por ano, ladeada por seu pai e sua mãe, para ser contemplada pelo povo. Esse quadro é descrito em três estrofes de seis versos, pela fala de João Batista, irmão de Evangelista:

⁵ Existe uma polêmica que envolve a autoria desse folheto. O tema narrado é de autoria de José Camelo de Melo Rezende, no entanto, segundo versão desse autor, seu texto original foi usurpado e plagiado, entre os anos 1927/28, e publicado em folheto, pelo poeta cantador João Melchíades Ferreira. Pesquisadores atestam que o texto *Pavão Misterioso* que chegou até nós é, na verdade, o plágio feito por João Melchíades. No entanto, como o tema narrado, incluindo os personagens e seus conflitos, é o mesmo da versão de José Camelo, consideramos este como autor.

E a moça em que eu falo,
Filha do tal potentado,
O pai tem ela escondida
Em um quarto do sobrado.
Chama-se Creusa e criou-se
Sem nunca ter passeado.

De ano em ano essa moça
Bota a cabeça de fora
Para o povo admirá-la
No espaço de uma hora
Para ser vista outra vez
Tem um ano de demora.

O conde não consentiu
Outro homem a educa-la.
Só ele, como pai dela,
Teve o poder de ensiná-la
E será morto criado
Que dela escutar a fala. (Rezende, 2008, p. 211)

O poeta usa imagens de um mundo fantasmagórico já perdido nos tempos medievais. Mundo caótico, em que patriarcas comandavam palácios, regiam leis, ditavam ordens, tendo, inclusive poder de vida e morte sobre pessoas, entre elas as de sua prole. No entanto, ao ambientar sua história em um mundo de fantasia, Rezende retrata medos, opressões e práticas sociais de seu presente.

Ao falar de uma mulher encarcerada, em uma “Grécia” deslocada geográfica e temporalmente, ele está desenhando com tintas poéticas as relações sociais de uma sociedade agrária patriarcal, como foi a sociedade do Nordeste do Brasil até bem pouco tempo. Nas sociedades agrárias patriarcais os homens são educados para o trabalho fora de casa e as mulheres para os serviços domésticos.

Sobretudo as mulheres nordestinas, filhas de proprietários de terra, eram educadas em casa, onde aprendiam, com a própria mãe, a gerir a economia de uma vida doméstica, para que dessa forma se tornassem, também, “donas de casa”. Essa divisão social do trabalho, nas sociedades agrárias, reproduziam a violência simbólica de gênero, determinando o trabalho da casa para a mulher e o trabalho extra casa como exclusivo dos homens.

O conde, pai de Creusa, é o administrador do condado. Seu poder é absoluto e sua esposa, a condessa, administra setores do palacete. Já Creusa, “sem poder passear”, é educada a ser a futura condessa, administradora do salão de festas que receberá os convidados do futuro conde. A estrutura social do romance se reproduz, assim como na sociedade agrária patriarcal nordestina, pois

é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, as atividades do dia, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação femininos. (Bourdieu, 2019, p. 24)

Importa destacar que em cujas sociedades é estabelecida a relação social em que a mulher tem um papel de subalternidade ao homem, os sujeitos sociais em interação no meio reproduzem a dominação de forma sutil e naturalizada. Tais modelos societários têm arraigados em suas estruturas os princípios que sustentam a ética e a moral patriarcal que coloca a mulher em posição de inferioridade. Esses princípios são mantidos e transmitidos pela escola, pela religião, pela cultura e pelos costumes. Tal modelo social, por ser estrutural e, transmitido por via das práticas culturais, ele é estruturante, e assim, condiciona as próprias mulheres a aceitarem tal ordem como natural. No *Romance do Pavão*, Evangelista, com um maquinário voador, adentra em sucessivas noites, ao aposento de Creusa, com o fim de levá-la com ele. O conde, pai da moça, arma um plano para capturá-lo. Na visita de Evangelista, na noite seguinte, e dar-se o seguinte diálogo, onde Creusa executa o plano do pai:

E como lhe tenho amizade
Me arrisco fora de hora.
Moça, não me negue o sim
A quem tanto lhe adora.
Creusa aí gritou: –Papai
Venha ver o homem agora. (Rezende, 2008, p. 213)

Como exposto anteriormente, a violência simbólica é sutil, chegando mesmo a consolidar, hegemonicamente, sua forma de pensar. Assim é que o oprimido aceita e naturaliza a ordem opressora, chegando mesmo a compactuar e validar a opressão. Interpretamos assim a lógica de Creusa quando aceita a proposta de seu pai para capturar Evangelista.

Pensamos que a mulher retratada socialmente nesses e em outros folhetos do poeta de Guarabira, representa a mulher de uma sociedade agrária patriarcal existente no contexto do poeta. Creusa, mesmo sendo uma condessa, vive presa, sem liberdade e preparada para o trabalho da casa. O rapto, libertando-a da tutela do pai, a coloca sob a tutela do marido, o que vem a confirmar a máxima que afirma que a mulher ver o casamento como forma de libertar-se na opressão paterna. No entanto ocorre somente uma transferência do poder de mando, do pai para o marido. Nem o fato de o poeta residir em uma zona recém industrializada,⁶ permitiu que a mudança social ocorrida viesse a transformar a relação de gênero na região. Tal fenômeno é explicado devido ao fato da predominância econômica da região ser a relação do homem com a terra e não a atividade industrial recém-instalada.

De maneira idêntica ao poeta do Brejo paraibano, Leandro Gomes de Barros, em grande parte de seus romances rimados vai retratar, socialmente, personagens femininas com fortes características que as identificam com as mulheres concretas de uma sociedade patriarcal.

Com o propósito de exemplificar, pode ser analisada as características centrais de Genoveva, personagem do romance de cordel *Os martírios de Genoveva* (Barros, 2008). Folheto com 233 estrofes de seis versos, a exemplo de *Os sofrimentos de Alzira*, (Ver Barros, *on-line*, s.d.-02) narra a história de uma mulher martirizada. Na primeira

⁶ A partir de 1917 começou a ser construído a fábrica têxtil dos irmãos Lundgren onde hoje é a cidade de Rio Tinto. A fábrica de tecidos foi inaugurada em 1924. A empresa foi fundada em 25 de setembro de 1908 pelo sueco Herman Theodor Lundgren, em Paulista-Pernambuco, que ao morrer deixou de herança a seus filhos João e Arthur Lundgren. Em Rio Tinto-PB a empresa chegou a ter vila operária com duas mil e quinhentas casas, guarda privada e funilaria em que trabalhavam cerca de trezentos técnicos italianos e alemães.

obra, o autor ambienta o enredo na Europa medieval, afirmando que, filha de um conde e uma condessa

Genoveva era dotada
De formosura e engenho
Nas feições dela se via
O mais perfeito desenho
A natureza em orná-la
Se esmerou e fez empenho.

Além dessas qualidades
Em tudo era preciosa
Modesta e trabalhadora
Cortez e religiosa
Graças a educação
De sua mãe extremosa. (Barros, 2008, p. 39)

Nessas e em mais quatro estrofes Barros qualifica a personagem feminina com adjetivos que caracterizam padrões desejáveis às mulheres, nas sociedades patriarcais. Em conformidade com estudos de autores citados nesse trabalho, a exemplo de Bourdieu (2019), as mulheres eram destinadas os trabalhos da casa, daí ser necessário um casamento promissor e, para tal, necessitavam ser portadoras de determinadas qualidades comportamentais. É o que acontece com Genoveva. Seu pai, em apuros, tem a vida salva por um conde e, para compensá-lo, concede a mão da filha em casamento.

Por conseguinte, mesmo a contragosto, mas como era a vontade do país, ela casa e vai residir em um palácio distante. Algum tempo depois o conde, marido dela, por conta da guerra, vai passar um longo tempo ausente. A esposa Genoveva é assediada por um vassalo e por resistir é caluniada, por carta, ao marido. Por esse motivo é punida e passa longo tempo presa em uma masmorra, onde tem um filho, já que ficara grávida do esposo. O marido, por carta, decreta a morte por decapitação, dela e da criança. Os verdugos, por compaixão, a deixam sobreviver com o filho, abandonados em uma floresta.

Sobre este pormenor, é importante resgatar a legislação brasileira e fazer um paralelo entre a lei e a ficção. No Brasil, até 2005, a traição, especificamente o adultério

feminino era considerado crime e punido com o rigor da Lei. Tal prática deixou de ser tipificado como crime com a revogação do artigo 2.240 do Código Penal, pela Lei 11.106/2005. Vale salientar que quando o adultério era cometido por uma mulher, esta era passível de pena, além do escárnio público, já ao homem, quando infligia tal código de ética, a sociedade aceitava como “normal”, como “coisa de homem”. Ressaltando que, em muitos casos, mulheres eram assassinadas e a agressão de que fora vítima, poderia ser qualificada como crime de honra, e o agressor ganhava absolvição.

Em suma, o poeta ao escrever seu romance versificado, mesmo ambientando sua narrativa em uma Europa medieval, retrata a mulher subjugada aos preceitos sociais de seu tempo.

Em princípio, vale destacar o ecletismo temático da poética de Barros. Suas tramas poéticas dialogam tanto com o contexto social do sertão, como analisado anteriormente, como também com temas do contexto urbano de uma sociedade pré-industrial ou em processo de industrialização. Esses retratos sociais de mulheres com padrões como as personagens Alzira e Genoveva, entre outras, são frutos de sua memória familiar em uma sociedade agrária patriarcal.

Indubitavelmente, *A força do amor ou Alonso e Marina* pode ser enquadrado como um texto sob forte influência de uma Recife cosmopolita de fins do Império e início da República. A história de Alonso e Marina, foi publicada entre 1912 e 1913, de forma parcelada, em diversos folhetos. O título em sua primeira edição era somente *A força do Amor*, e, em outras edições surgindo como *A força do amor ou Alonso e Marina*. O romance teve um grandioso sucesso, já que em 1918 vai para o prelo a sua décima quinta edição. Com certeza, foi a obra de maior dimensão editorial a época, alcançando “uma marca inimaginável para um folheto, revelando a áurea poética flamejante de Leandro.” (Farias, 2025, p. 107). Marina, enquanto protagonista do enredo, corporifica a resistência que de fato embalava sonhos e esperanças emancipatórias de mulheres do século XX. Basta recordar que já a partir da segunda metade do século XIX, nos países mais industrializados e onde já havia um progresso educacional, as mulheres encampavam a luta pelo direito ao voto.

Recife, e seu entorno, onde o poeta residia, escrevia, publicava e vendia seus poemas, influenciou fortemente a obra poética leandrina. Personagens de seus cordéis, como Rosa, Teodora, Esmeralda e Marina, são exemplos de mulheres pré-emancipadas ou em processo de emancipação, criadas sob essa influência.

Importa destacar que Recife, desde 1880, com seu desenvolvimento industrial e comercial passava por transformações estruturais, transformando-a em uma cidade progressista. Assim, especificamente em Recife e arredores, o antigo sistema entra em declínio. Sobre essa questão o sociólogo Djacyr Menezes esclarece que, entre outras causas, a decadência do patriarcado rural deve-se a um

Incessante desenvolvimento das forças de produção, o maior contato com o comércio internacional, o sistema “casa grande e senzala” se vai esfacelando. Agrava-se ao antagonismo entre a cidade, que cresce, e o campo que perde a ascendência política, reflexo de sua importância econômica. Sente-se a mutação que se opera na antiga estrutura social simbolizada pelo sistema casa grande e senzala, delineando as direções políticas anunciadoras do Segundo Império como reflexos de processos mais profundos até então obscurecidos. Na segunda fase, com a aparição do urbanismo industrial, das firmas comerciais nos centros citadinos, as senzalas se enfraquecem, aumentam as populações dos mocambos, multiplicam-se os braços assalariados; e desloca-se a importância política dos “senhores” rurais para o industrialismo nascente. Decompõe-se o patriarcado. (Menezes, 2018, p. 106-107)

Por consequência das mudanças operadas na estrutura social, os hábitos e a ética moral da população também vai sendo modificado. Paralelamente a esse declínio econômico da velha estrutura agrária, o campo vai se despovoando e a cidade crescendo, como constata a pesquisadora Noemia Maria Queiroz Pereira da Luz:

O Recife, entre 1880 e 1914, é uma cidade com uma área urbana densamente ocupada nas freguesias e, depois bairro do Recife, Santo Antônio e São José. Nesses lugares, durante o período, em nome da modernização, ocorrem inúmeras desapropriações com a finalidade de ampliar ruas, travessas e praças, destruindo becos, onde circulam os serviços e pondo abaixo prédios que para a municipalidade são considerados pardieiros. A cidade, nesse período, parece outra a cada dia. (...) A área urbana se espalha por sítios distantes, engenhos são loteados, pontes construídas e novos bairros criados (...) No bairro do Recife, o melhoramento do porto tem início em 1909 e uma ampla reforma urbana em 1910. O porto passa por uma melhoramentos para abrigar navios de grande

porte e o bairro tem uma reforma calcada nos ideais estéticos europeus. (Luz, 2008, p. 74.75)

É nesse cenário de progresso, com ruas pavimentadas, luz elétrica, praças, jornais diários, intensas atividades comerciais e atividades portuária de grande movimento que Leandro Gomes de Barros escreve seus romances, inserindo neles personagens femininas de novo tipo. Nesse período, época pré-industrial, a “emancipação feminina” era ainda bastante modesta.” (Hobsbawm, 2015, p.298). mas o suficiente para ser percebida e internalizada pelo subconsciente do poeta.

Em *A força do amor*, fica claro a influência do contexto na elaboração poética. Marina é uma dessas mulheres em situação de pré-emancipação. Ela, por ser filha de um potentado, galgava essa possibilidade emancipatória, já que, mesmo ocorrendo tardiamente no Brasil, de fato, assim como ocorreu em nações desenvolvidas, manifestava-se “quase inteiramente restrita ao estrato médio e – em forma diferente – aos estratos superiores da sociedade.” (Hobsbawm, 2015, p.298)

Confirmando esse caráter emancipatório, a personagem recusa a seguir o modelo tradicional e não permite a que o pai determine quem será seu marido. Seu matrimônio é determinado por relação de afetividade e não econômica. Assim é que ela escolhe como marido Alonso, um rapaz pobre e que foi criado com ela. Ela, ao optar pelo casamento com Alonso, determina a estratégia de como efetivá-lo. Essa atitude é caracterizada como um elemento essencial para identificarmos o processo de ruptura que começava a ser construído nos costumes, condicionado pela mudança na base econômica da sociedade.

Nos versos das duas estrofes a seguir há o diálogo entre Marina e Alonso, onde o poeta deixa transparecer que Marina assume o protagonismo da relação de afetividade, entre ela e Alonso, como também, papel de destaque no enfrentamento com o pai, que representa a velha ordem. Sobre essa questão, poeta explica que

Estava com vinte anos
Dispôs-se um dia Marina
Disse a Alonso: – Me peça

Seja o que a sorte destina
É bom que se saiba logo
Meu pai o que determina.

Amanhã pelas dez horas
Você vá ao barão
Chegue lá, declare a ele
Que pretende a minha mão
Conforme o que ele disser
Eu tomo a resolução. (Barros, *on-line*, s.d.-01)

Percebe-se, pelo lugar de onde cada personagem fala, que nesse período histórico, operava-se já, de fato, uma mudança comportamental na sociedade urbana, das grandes cidades. Confirma-se a concepção de que “a base econômica da ordem capitalista de produção repercute na literatura, independente da subjetividade dos escritores.” (Lukács, 1965, 23). Toda e qualquer mudança é reflexo da contradição entre o que existe e o que está sendo gestado, ou seja, entre o velho que está para morrer e o novo que está nascendo.

É possível identificar o princípio basilar da dialética nos discursos dos diálogos a seguir:

Cale-se infeliz, maldita!
Falou irado o barão.
Se articular comigo
Eu boto-a na prisão.
Meto-a debaixo dos ferros
Lhe acabo a opinião.

– Pode matar, disse ela,
Satisfaça sua paixão.
Pode aniquilar meus dias
Mas não minha opinião.
Só Deus sabe e mais ninguém
O que tenho no coração. (Barros, *on-line*, s.d.-01)

Em resumo, o poeta popular, assim como os demais escritores ficcionais, ao elaborarem uma trama, revestem seus personagens com características identificáveis

em pessoas que lhe rodeiam, confirmando que “a gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral das sociedades.” (Lukács, 1965, p. 13)

No diálogo reproduzido nas duas estrofes acima, fica claro, assim como dissertou a historiadora Noemia Maria Queiroz Pereira da Luz, ao explicar que na cidade de Recife, resultante do desenvolvimento, “os avanços das técnicas provocadas pelas novas invenções passam a fazer parte de cotidiano, incorporando-se aos poucos aos hábitos da população e alterando sua forma de conviver.” (Luz, 2008, p. 59). Dessa forma, percebe-se que personagens de Leandro Gomes de Barros, como Marina, Rosa e mesmo a Lagartixa representam, hábitos novos, das mulheres concretas do entorno do poeta.

No entanto, importa destacar, que tais mudanças recém-operadas na base econômica são lentas, graduais e imperceptíveis pelo escritor. Tanto é que as concepções da sociedade agrária patriarcal povoam ainda o olhar do poeta, o que é materializado em alguns dos personagens de sua extensa obra, a exemplo de Alzira e Genoveva, analisados brevemente aqui nesse estudo. Ou seja, ao escrever textos com duques, viscondes e reis, em que o homem tem poder de vida e morte sobre a mulher, o poeta “estaria seguindo modelos arquetípicos herdados do cristianismo e do judaísmo, em que o universo feminino continuaria a estar ligado à terra, à casa, aos seus pertences.” (Sousa, 2009, p. 18). Essas figuras femininas dominadas pelo austero poder masculino, mesmo em declínio, assim como estava o patriarcado, permanece na gênese intramemorial do poeta. Daí, poetas como os aqui analisados, no conjunto de suas obras, mesmo em uma sociedade já no estágio de produção industrial, retratarem personagens femininos ocupando um lugar social de mulheres de sociedades agrárias patriarcais. Configura-se também que a obra poética de cordel, mesmo sem determinação deliberada do autor, termina por representar o quadro sócio-histórico de uma época.

Considerações Finais

As nações que desenvolveram a técnica, conquistaram mercados e dividiram o mundo entre si, ao transformar suas estruturas econômicas, modificaram a cultura, alavancaram a educação, dinamizaram circulação de impressos e de mercadorias, o que veio a impulsionar o desenvolvimento, e a consequente mudança nos costumes de nações pré-industriais, de caráter agrário patriarcal, como era o caso do Brasil.

As narrativas populares em versos, que surgem no Brasil nas primeiras décadas do século XIX, tornou-se em um produto literário de amplo consumo das populações da região Nordeste do Brasil a partir de Leandro Gomes de Barros. E, desde sua origem, os cordéis passaram a espelhar a visão de mundo da nossa sociedade,

Assim, ao mesmo tempo em que transmitia conhecimentos de lugares, fenômenos naturais, acontecimentos de épocas remotas, relações humanas diversas e até notícias locais, as histórias narradas, internalizavam nos leitores/ouvintes valores éticos e morais da sociedade agrária patriarcal. Entre esses valores, o preconceito em relação à mulher, descrevendo-a, assim como era de fato na sociedade da época, um ser humano com cidadania menor, ou com direitos civis inferiores ao homem.

Em outras palavras, as histórias rimadas eram portadoras de esquemas e estruturas sociais em que prevaleciam os costumes e os hábitos construídos historicamente e que davam sustentação a valores estruturais de sociedades arcaicas. A poesia narrativa, como é o cordel, mesmo impresso em folhetos, ou em livros e mídias digitais, como o é atualmente, tem um forte apelo oral e “a oralidade [onde o cordel tem suas raízes] tem, antes de tudo, uma vocação indenitária; é também o reflexo formalizado e demonstrado das estruturas sociais e simbólicas.” (Cavignac, 2006, p. 248). Assim é que as narrativas em poesia rimada, escritas por poetas populares, a exemplo dos autores aqui analisados, trazem em seus versos histórias com forte teor tradicional. Nessas histórias são comuns casamentos determinados pelos pais, a exemplo de Marina, ou mulheres martirizadas como Alzira (do cordel *Os sofrimentos de Alzira*, de autoria de Leandro Gomes de Barros) e Genoveva (do cordel

Martírios de Genoveva, também de Leandro), ou ainda prisioneiras, vítimas da tirania paterna, a exemplo da condessa Creuza (do *Romance do pavão misterioso*, texto de autoria de José Camelo de Melo Rezende).

À luz das discursões teóricas aqui apresentadas, vimos que os traços-movimentos de personagens das histórias rimadas, tais como falas e a posição de onde se fala, interação social entre personagens femininos e masculinos, relacionam-se ao contexto histórico e social do Brasil, e em especial à região Nordeste, do período em que os autores dos folhetos aqui estudados viveram e escreveram poesia de cordel.

Em síntese, as narrativas populares em versos, hoje denominada cordel, ao mesmo tempo que servia de entretenimento, como leitura lúdica que é, de informar, de agregar conhecimentos novos e de alfabetizar, também propagava e fortalecia a mentalidade coletiva, presente na sociedade em que tratava a mulher como um sujeito social sem direitos.

Cabe destacar que, ao analisarmos as personagens centrais das histórias rimadas do cordel, em especial dos poetas aqui estudados, encontraremos representações do feminino estereotipadas, colocando, na maioria das vezes as mulheres em papel de subalternidade em relação ao homem. No entanto, esses retratos de mulheres não são as mulheres idealizadas pelos poetas, mas as mulheres concretas do contexto social do período em que viveram. Partindo desse entendimento, foi analisado neste estudo o lugar social da mulher nas tramas da literatura de cordel, identificando a relação da ficção com o contexto sócio-histórico do período. Nessa perspectiva, foi demonstrado aqui que qualquer estudo que venha a querer entender fenômenos históricos do interior da região Nordeste do Brasil, seja na cultura, na economia ou na educação, precisa compreender os aspectos da formação de seu povo.

Referências

ADERALDO, Luciano. *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*. Rio de Janeiro: Adaga, 2012.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

BARROS, Leandro Gomes de. *Casamento e divórcio da lagartixa*. Fortaleza: Imeph, 2016.

BARROS, Leandro Gomes de. A morte de Alonso e a vingança de Marina. In. *A mulher do bicheiro*. On-line, s.d.-01. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.net/RuiCordel/1122>. Acesso em: 11 jun. 2025.

BARROS, Leandro Gomes de. Os martírios de Genoveva. In: ABLC. *100 cordéis históricos*: segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Mossoró: Queima Bucha, 2008, p. 39-45.

BARROS, Leandro Gomes de. *Os sofrimentos de Alzira*. On-line, s.d.-02. Disponível em: http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/leandro_colecao.html. Acesso em: 11 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*: a condição feminina e a violência simbólica. Trad. Maria Helena Kühner. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CASTRO, Josué. *Sete palmas de terra e um caixão*: ensaio sobre o Nordeste. São Paulo: Brasiliense, 1963.

CAVIGNAC, Julie. *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil*: da história escrita ao relato oral. Trad. Nelson Patriota. Natal: EDUFNR, 2006.

FARIAS, Gutemberg Pereira de. *Leandro Gomes de Barros e os primórdios do cordel brasileiro*: a história de um jovem retirante expulso de sua terra pela seca mais arrasadora já registrada no sertão da Paraíba, que veio a se tornar o maior ícone da literatura popular do Brasil. São Paulo: Dialética, 2025.

GOFF, Jacques Le. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios*: 1875-1914. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Stteidel Toledo. 19. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da. *Os caminhos do olhar*: circulação, propaganda e humor: Recife, 1880-1914. Tese em História. Recife: UFPE/Programa de Pós-Graduação em História, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7214>. Acesso em: 17 jun. 2025.

MENEZES, Djacyr. *O outro Nordeste*: ensaio sobre a evolução social e política do Nordeste da “Civilização do Couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais. Fortaleza: Expressão, 2018.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. *O enigma do Jano caboclo: para uma leitura antropológica da narrativa popular em verso*. Fortaleza: SECULT, 2012.

NEVES, Francisco Paiva das. *Educação e sociedade no cordel: o lugar social da mulher em obras de Leandro Gomes de Barros e José Camelo de Melo Rezende*. Dissertação de Mestrado em Educação. Fortaleza: UFC/ Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, 2022.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlando. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

REZENDE, José Camelo de Melo. As grandes aventuras de Armando e Rosa, conhecidos como Coco Verde e Melancia. In: ABCL. *100 cordéis históricos: segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima Bucha, 2008, p. 216-221.

REZENDE, José Camelo de Melo. Romance do pavão misterioso. In: ABCL. *100 cordéis históricos: segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel*. Mossoró: Queima Bucha, 2008, p. 211-215.

REZENDE, José Camelo de Melo. *Romance de Pedrinho e Julhinha*. Juazeiro do Norte: Casa dos horóscopos, 1974.

SOUSA, Francinete Fernandes de. *A mulher negra mapeada: trajeto do imaginário popular no folheto de cordel*. Tese em Letras. João Pessoa, PB: UFPB/ Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

VIANA, Arievaldo. *Leandro Gomes de Barros: vida e obra*. Mossoró-RN: Queima-Bucha, 2015.